Entrevista com Michael Löwy*

Noventa anos de publicação dos “Sete Ensaios de Interpretação da Realidade Peruana” e a atualidade de Mariátegui

Leandro Galastri¹

Em 2018, o livro “Sete Ensaios de Interpretação da Realidade Peruana”, escrito seminal na história do marxismo latino-americano, completa 90 anos de publicação. José Carlos Mariátegui o escreveu tendo como uma de suas fontes de inspiração o fato incontornável de que, no Peru de sua época, o cruzamento entre os pertencimentos de raça e classe era estratégico para se pensar um programa socialista no âmbito das organizações do proletariado rural e urbano. Já no fim da segunda década dos anos 2000, as massas de trabalhadoras e trabalhadores não-brancas que caracterizam a América Latina parecem sustentar o vigor das teses de Mariátegui. Mais ainda se levarmos em consideração as históricas experiências de poder político, ainda em plena vigência, do zapatismo no México e do MAS boliviano. Conte-se ainda a importância política de movimentos indígenas como o equatoriano, peruano, colombiano, chileno e argentino, que congrega povos espalhados pelo que já foi o grande império – “Tawantinsuyo”- inca (quéchuas, aymarás, mapuches e outros). Nas palavras de Michael Löwy, “esta mobilização demonstrou que Mariátegui tinha razão de insistir [...] no potencial revolucionário dos movimentos indígenas em nosso continente”. Na entrevista abaixo², ele comenta essa e outras questões concernentes à pujante contemporaneidade do pensamento do Amauta por ocasião do nonagésimo aniversário de sua principal obra.

Leandro Galastri: Passados 90 anos da publicação dos “Sete Ensaios de Interpretação da Realidade Peruana”, principal obra de Mariátegui, o que há nela de aportes ainda válidos para a abordagem crítica das sociedades latino-americanas contemporâneas?

Michael Löwy: A visão anticolonialista de Mariátegui, seu anti-imperialismo intransigente e a perspectiva socialista indo-americana são muito relevantes hoje. Ele propõe não só interpretar, mas também transformar a realidade peruana e latino-americana. Seu método, dialético e historicista, permite apreender a sociedade peruana do ponto de vista da totalidade : economia, classes sociais, religião, política e cultura constituem um todo em processo de mudança histórica. Isto poderia inspirar os estudiosos marxistas de hoje. Por outro lado, suas análises do papel subordinado das burguesias latino-americanas, atreladas aos interesses imperialistas e a lógica do mercado mundial, são tremendamente atuais na América Latina do século XXI...

* Formado em Ciências Sociais na USP, Michael Löwy, a partir de 1961 – com 23 anos de idade -, radicou-se na França. Atualmente é Diretor Emérito de pesquisa do *Centre National de la Recherche Scientifique*, CNRS, Paris, França. Para aprofundar, consulte: <https://marxismo21.org/michael-lowy>

¹ Autor de “Gramsci, marxismo e revisionismo”, Autores Associados (2015), editor do blog marxismo21 e secretário-geral da International Gramsci Society-Brasil. E-mail: leandrogalastri@gmail.com.

² Concedida por e-mail em meados de dezembro de 2017.

Leandro Galastri: Como o senhor avalia a presença do pensamento de Mariátegui no marxismo latino-americano atual? Houve alguma mudança após as experiências de governos de esquerda na América Latina?

Michael Löwy: A experiência dos governos bolivarianos - isto é, antiimperialistas e antioligárquicos (Venezuela e Bolívia) - suscitou um interesse renovado por Mariátegui, que era uma das referências de Hugo Chavez para pensar o socialismo do século XXI. Mas estas experiências ainda estão longe do socialismo revolucionário que propunha Mariátegui... Dito isto, o conhecimento da obra de Mariátegui ainda é muito desigual na América Latina em geral e no Brasil em particular. Os marxistas no nosso continente conhecem melhor a produção europeia ou norte-americana do que Mariátegui. Parece-me um equívoco, porque sem Mariátegui não podemos pensar o passado, o presente e o futuro da Indo-América. Seu pensamento nos ajudaria a superar a ideologia burguesa do "Progresso", em sua forma neoliberal ou nacional-desenvolvimentista, que ainda é hegemônica no continente.

Leandro Galastri: Ao final de sua vida, Mariátegui começava a enfrentar uma situação política que apontava para o isolamento provocado, de um lado, pelo crescimento do populismo aprista e, de outro, pelas posições discordantes do Comintern a respeito de suas propostas para a luta socialista latino-americana. Após sua morte, esse isolamento se confirmou e seu pensamento ficou esquecido nas décadas seguintes. O que ainda falta para um resgate integral do pensamento mariateguiano nos movimentos sociais e nas universidades latino-americanas?

Michael Löwy: O Comintern já desapareceu há muito tempo e o populismo perdeu sua (modesta) retórica antiimperialista. O que falta é o reconhecimento que José Carlos Mariátegui é não só um brilhante estudioso da realidade peruana, mas um dos grandes pensadores marxistas heterodoxos do século XX, comparável com seus contemporâneos dos anos 1920, como Ernst Bloch, Antônio Gramsci, Georg Lukacs ou Walter Benjamin.

Leandro Galastri: Qual a influência real do "populismo" (de que era acusado pelo Comintern) no pensamento de Mariátegui?

Michael Löwy: Mariátegui foi acusado de "populismo" por ter usado o termo de "comunismo inca". Mas encontramos exatamente o mesmo termo na "Introdução à Economia Política" de Rosa Luxemburgo! Será que ela era também "populista"? Para os críticos soviéticos de Mariátegui a referência é ao populismo russo, que apostava no papel das comunas rurais russas para um futuro socialista na Rússia. Mas Karl Marx defendia a mesma tese em sua cartas a Vera Zassulitsch em 1881...Mariátegui não conhecia estes escritos de Marx ou Luxemburgo, mas seguiu seu próprio caminho, oposto tanto ao nacional-populismo do APRA (que pouco tinha a ver com os narodnikis russos) quanto ao dogmatismo do Comintern estalinista. Obviamente ele não propunha voltar aos tempos do Império inca, cujo autoritarismo ele rejeita, mas se apoiar nas tradições comunitárias indígenas para desenvolver o movimento revolucionário socialista moderno.

Leandro Galastri: Em várias passagens de seus escritos, Mariátegui demonstra grande admiração por Lênin e pelas formas como o Partido Bolchevique consolidava a

revolução na Rússia. O que há, efetivamente, de leninismo em Mariátegui? Em outras palavras, seria correto enxergar em Mariátegui um tradutor do leninismo na América Latina?

Michael Löwy: Acho que o termo de "tradutor" não é o mais apropriado... O "leninismo" de Mariátegui é bastante heterodoxo: enfatiza, às vezes de forma bastante unilateral, o voluntarismo bolchevique, e busca associar, como pensadores similares, Lenin e Sorel. Mas ele se apropria de aspectos efetivamente decisivos de Lenin: a ruptura com o reformismo social-democrata, o internacionalismo, o anti-economicismo, a estratégia socialista revolucionária. Mariátegui interpreta Lenin a partir da realidade latino-americana, com suas tradições próprias e sua história original, bastante diferente da russa. Qualquer que seja sua admiração por Lenin e pela Revolução Russa, ele acredita que o socialismo indo-americano não deve ser "calco e cópia" de outras experiências....

Leandro Galastri: Em 2009, o filósofo peruano Octavio O. Morán publicou em seu país um extenso estudo filológico dos escritos de Mariátegui, no qual procurava desmentir a existência do chamado "livro perdido". Este, como se sabe, seria formado por um conjunto de artigos que sintetizariam sua teoria política, conjunto que se teria perdido no traslado postal para edição na Espanha no fim da década de 1920. Ao longo do século XX, estudiosos lamentaram a suposta perda, que teria deixado uma lacuna no pensamento político de Mariátegui a respeito de uma teoria mais precisa sobre a revolução no Peru e na América Latina. Na sua opinião, haveria de fato alguma lacuna evidente na obra do marxista peruano que dificultaria uma apreensão mais precisa de seu pensamento?

Michael Löwy: Francamente, não vejo nenhuma "lacuna" no pensamento de Mariátegui. Sua obra é coerente e suas ideias sobre a revolução peruana ou indo-americana são bastante claras e explícitas. O que se pode criticar são certos limites de sua reflexão, que correspondem à sua época: não levar em conta a dimensão propriamente nacional da questão indígena no Peru e em outros países do continente, ou, ainda, não integrar a questão ecológica, a destruição da natureza pelo imperialismo e pelo capitalismo.

Leandro Galastri: Há algum novo fundamento teórico em Mariátegui para se pensar o marxismo (como seria o caso, por exemplo, da perspectiva ontológica em Lukács, do pressuposto do bloco histórico em Gramsci, da proposta de ruptura epistemológica em Althusser, etc.)?

Michael Löwy: Acho que Mariátegui foi profundamente inovador - e herético - ao colocar a ética e a "mística" no coração de sua definição do marxismo, em ruptura com as leituras dominantes, positivistas, cientificistas, deterministas.

Leandro Galastri: O pesquisador argentino Miguel Mazzeo afirma em um de seus trabalhos que todo o pensamento de Mariátegui talvez possa ser resumido nos chamados elementos de "socialismo prático", que remetem, por sua vez, às experiências de "comunismo incaico" tão valorizadas no pensamento mariateguiano. O senhor concorda? Qual o lugar dos "elementos de socialismo prático" na construção de um socialismo do século XXI no continente americano?

Michael Löwy: Não se pode separar, em Mariátegui, a teoria e a prática, o passado e o presente, o comunismo inca e o combate pelo comunismo moderno, o anti-imperialismo e o anti-capitalismo, a universalidade internacionalista do socialismo e a particularidade do Peru e da Indo-América. Suas ideias são um arsenal dialético precioso para o combate pelo socialismo do século XXI, mas sem esquecer que a realidade do continente em nossa época é bem diferente da de 1930.

Leandro Galastri: Na sua opinião, é possível estabelecer alguma relação entre o indosocialismo Mariáteguiano e a forte mobilização indígena que deu suporte aos governos de esquerda na Bolívia e no Equador?

Michael Löwy: Esta mobilização demonstrou que Mariátegui tinha razão de insistir, contra os dogmáticos do Comintern, no potencial revolucionário dos movimentos indígenas em nosso continente. Mas não creio que haja uma relação direta de suas ideias com estes movimentos. Isto vale para a Bolívia, o caso do Equador é mais complicado, pelas limitações da experiência, e o conflito do governo com os indígenas.

Leandro Galastri: Um dos principais eixos do pensamento de Mariátegui é a aproximação orgânica entre os pertencimentos de raça e classe no Peru de sua época, indicando a fusão entre as condições indígena e proletária como base inescapável da organização política dos trabalhadores peruanos. Mariátegui teria algo a dizer aos movimentos indígenas e negros do Brasil nesse sentido? Em outras palavras, o proletariado urbano e rural brasileiro, cuja condição não-branca é evidente, teria algo de estratégico a aprender com Mariátegui?

Michael Löwy: Uma das limitações do pensamento de Mariátegui é a falta de interesse pelos negros do continente em geral, e pelo Brasil em particular. Ele não se deu conta que a Indo-América é também, uma "Indo-Afro-América". Mas sem dúvida se poderia "traduzir" para a realidade brasileira a identificação entre raça oprimida e classe explorada que Mariátegui aponta no caso dos indígenas.